

Representação Social da Psicologia e do Psicólogo sob o Olhar da Comunidade de Assis/SP – Brasil¹

Clara Salarini Borsezi*

Everton Bortolomasi*

José Luiz Guimarães²

Renata Goltara Liboni*

Maony Ferreira dos Reis*

Homero Yukiti Tamanaha*

Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Unesp

Resumo: O presente artigo apresenta os resultados de pesquisa realizada com o objetivo de investigar a representação social da Psicologia e do Psicólogo, segundo a percepção da população de Assis. Na realização da pesquisa levou-se em conta a existência do Curso de Psicologia da Unesp/Assis, bem como do programa de atendimento psicológico à comunidade, realizado pelo Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada “Doutora Betti Katzenstein”- CPPA - que, em tese, contribuiriam para construção de uma representação da ciência psicológica e da atuação do Psicólogo mais próximas da realidade. Foram entrevistados, a partir de questionário previamente testado, 271 sujeitos, distribuídos geograficamente e proporcionalmente nos diferentes bairros que compõem a zona urbana do município. Os resultados sugerem a falta de conhecimento por parte da comunidade com relação ao objeto de estudo da Psicologia e às formas de atuação profissional do Psicólogo.

Palavras-chaves: Representação Social; Psicologia; Papel do Psicólogo.

¹ Desdobramento de trabalho desenvolvido pelos autores, dentro das atividades do PIIC – Programa Interdisciplinar de Iniciação Científica, no ano de 2003.

* Graduandos do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Campus de Assis – SP.

² Professor do Departamento de Psicologia Experimental e do Trabalho, da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Campus de Assis – SP. Endereço eletrônico: jlui@assis.unesp.br

Introdução

Desde os primórdios da humanidade, o homem busca compreender a complexidade de seu eu e a natureza de seu comportamento. Para isso, elaborava idéias mitológicas, explicando as atitudes das pessoas por influências de mitos. Depois, vieram conclusões teológicas relacionando o comportamento e pensamentos aos espíritos e a Deus. É no campo teórico da filosofia, porém, que vão se materializar todas as especulações e dúvidas existenciais no período que, historicamente, convencionou-se chamar de Psicologia pré-científica. A partir da filosofia de Platão, a Psicologia estrutura-se até alcançar um status científico.

No seu surgimento, quando ainda buscava sua auto-afirmação, justificaram-se as concessões que teve de fazer à mais pura tradição experimental, renunciada por grandes nomes das ciências de então, materializada por Wundt (1832 – 1920), seguida por Titchener (1867 – 1927) e, progressivamente, amainada, ou abandonada, pelas novas psicologias que foram se sucedendo. Segundo Engelmann (1997), no começo da psicologia científica humana, para Titchener (1913), a introspecção era o método por excelência dos observadores.

Foram tantas contradições, nomes e postulados que não cabe, aqui, rememorá-los, menos por inoportunos e mais pelos objetivos a que se destina o presente texto. O que é necessário fixar é a idéia de que a Psicologia surgiu num determinado momento da história, no conjunto das idéias que o homem foi fazendo sobre si mesmo, sobre os outros e sobre as coisas que o rodeiam. Neste sentido, ela tem como principal característica, exatamente, a peculiaridade do seu objeto de estudo e as dúvidas que suscita quanto às condições de que dispõe para cumprir o *script* proposto e, historicamente, cumprido pelas ciências que a precederam e com as quais vem tentando dialogar e fazer interfaces, sem ter que, para isso, descaracterizar-se.

A partir desse desenvolvimento foi possível compreender a complexidade das relações do homem em seu meio social e fora dele, as diferenças no estudo da criança e do adulto e as manifestações de patologias de ordem psíquica, entre outras abordagens.

Ocioso dizer que todas estas questões relacionadas à natureza e à constituição da Psicologia associam-se e influenciam, diretamente, na atuação do Psicólogo e na representação social que esta suscita.

A representação social constitui-se através de diversas mediações realizadas de diferentes formas, como os meios de comunicação de massa, principalmente os televisivos; por pessoas que já utilizaram os serviços de um Psicólogo e manifestaram sua (in)satisfação a amigos e/ou familiares; e, principalmente, a postura do próprio profissional, como consequência de uma formação, muitas vezes deficiente e limitadora de sua atuação e contribuição à sociedade. Muitos desses aspectos já foram, com nuances diferentes, apontados em diversos autores (Bock, 1999; Dimenstein, 2000; Moura, 1999 e Yamamoto, 2002).

Dimenstein (2000; p.4), por exemplo, sugere que os fatores que influenciam na cultura profissional do Psicólogo brasileiro podem ser agrupados em quatro categorias principais, a saber: 1) história e ideologia da profissão em nossa sociedade; 2) condições em que se dá a formação em nosso país; 3) representação social da profissão e 4) a população que procura os cursos de Psicologia no Brasil.

Dessa forma, constata-se a presença de uma questão ideológica que deve ser discutida, qual seja, a do caráter elitista da Psicologia atualmente exercida, sendo um de seus aspectos fundamentais, que tem origem na própria concepção dos futuros profissionais com relação à ciência psicológica, o que acaba cristalizando uma imagem deturpada da profissão no ideário do público leigo.

Segundo a mesma autora, o profissional tende a reproduzir um modelo antagônico de sociedade, por fazer, muitas vezes, parte de uma classe hegemônica incompatível, até mesmo lingüisticamente, com as camadas mais populares, o que dificultaria uma prática terapêutica eficaz, por ter visões de mundo divergentes e que, portanto, poderia resultar numa seleção da clientela.

Isso remete à idéia de um profissional auto-suficiente, detentor de conhecimento, que dificilmente participa de equipes multiprofissionais e de programas públicos de saúde, como revela a pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública – IBOPE - para o Conselho Federal de Psicologia, que indica que 55% da atuação psicológica se dá na área clínica. (Folha de São Paulo, 2004).

Já Bock (1999), ao abordar um outro aspecto da profissão, ressalta que a Psicologia deve ter um compromisso social e, para isso, sugere que a sua finalidade principal deva estar voltada para a melhoria das condições de vida da população brasileira, tomando o indivíduo como ator social ligado e inserido numa malha coletiva, que o constitui e é constituída por ele. O deslocamento de uma visão, unilateral, do sujeito como um doente que precisa ser curado, para uma visão multilateral, além de promover seu bem-estar, orienta este sujeito no sentido de ampliar sua visão da situação com a qual tem dificuldade de lidar, proporcionando assim sua autonomia. Além disso, a autora propõe uma mudança estrutural da Psicologia, na qual haja criação de práticas e não reprodução delas.

Moura (1999) ressalta a formação do profissional de Psicologia como sendo o marco de maior importância para uma alteração nos modelos de atendimento, principalmente sobre a população de camadas menos privilegiadas. Atualmente, o grande desafio da Psicologia é aumentar o seu campo de atuação, deixando de ser, majoritariamente, clínica e elitista, para tornar-se mais preventiva e popular.

Para corresponder a este perfil, o Psicólogo deveria, necessariamente, ampliar seu arcabouço teórico, revisar seus conceitos e, principalmente, romper com a noção de sujeito enquanto uma entidade, autônoma, individual e independente da cultura.

Igualmente, os cursos de graduação em Psicologia deveriam visar uma prática que ultrapassasse o consultório terapêutico individual e invadisse o território das relações sociais, buscando compreender a complexidade que se esconde por trás da vida cotidiana.

Com base nesta breve revisão bibliográfica, pode-se inferir que há uma concepção estereotipada do Psicólogo, portanto uma representação social, que não corresponde objetivamente à profissão, e nem à sua atuação profissional. Para superar tais desencontros, este deveria buscar formas alternativas de atuar na sociedade, agindo de forma preventiva e não excludente, contribuindo para mudar esta visão desfocada, não só a partir do olhar da sociedade, que de seus serviços se valem, mas também do próprio profissional em relação ao seu papel social.

Objetivos, sujeitos e procedimentos

O objetivo principal da pesquisa reportada neste artigo foi investigar a representação social da Psicologia e do Psicólogo, bem como esta se constrói, segundo a percepção dos habitantes de Assis, cidade da região Centro-oeste do estado de São Paulo que, à época, tinha aproximadamente 87 mil habitantes. Naquela oportunidade, a cidade contava somente com o

curso de Psicologia da Unesp³ e uma gama de serviços prestados por este, através dos diversos programas de extensão e atividades de estágios desenvolvidas por seus professores e alunos.

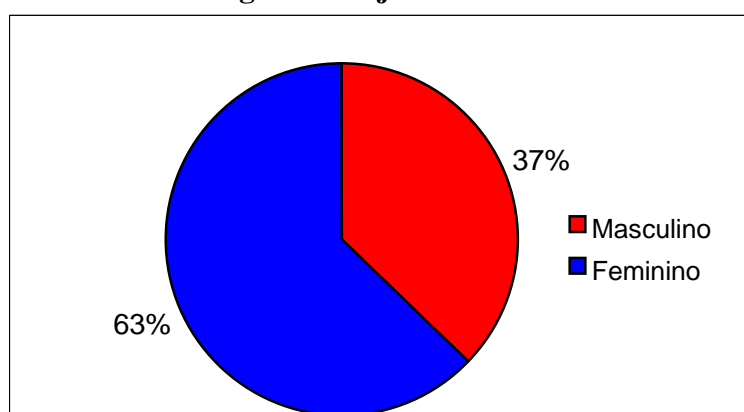
A amostra foi composta por 271 sujeitos, distribuídos geográfica e proporcionalmente nos diferentes bairros que compõem a zona urbana do município. As entrevistas deram-se através de visitas domiciliares e os entrevistadores utilizaram critérios de exclusão para descartar os entrevistados cujos perfis não atendiam às características previamente definidas para a composição do plano amostral. Foram consideradas variáveis como sexo, idade, escolaridade, classe social e região geográfica de residência dos sujeitos. Os instrumentos utilizados foram questionários semidirigidos, previamente testados, com questões abertas e fechadas, elaboradas pelos pesquisadores, com enfoque nos objetivos da pesquisa e que contemplaram os seguintes eixos temáticos: 1.) dados de identificação do participante; 2.) percepção acerca do profissional de Psicologia; e, 3.) representação social da Psicologia enquanto Ciência.

Chegou-se a definição do questionário final após a realização de entrevistas abertas com pessoas que se enquadravam no perfil desejado e estabelecido como condição para a composição da amostra. Após uma leitura e interpretação parcimoniosa das respostas assim obtidas, estas foram agrupadas por categorias mais amplas e inclusivas, até serem convertidas em alternativas num outro instrumento que, novamente, foi testado. Após pequenos ajustes, chegou-se à versão definitiva das questões apresentadas aos sujeitos, cujas respostas passamos a analisar na seção seguinte.

Tabulação, análise e interpretações dos resultados

As respostas foram tabuladas e analisadas considerando-se variáveis como sexo, idade, escolaridade e classe social. Os dados são apresentados sob a forma de tabelas e/ou gráficos, seguidos por comentários. Foram realizados cruzamentos, que seguiram como critérios os objetivos da pesquisa.

Figura 1. Sujeitos X Sexo



³ Atualmente existe um outro curso de Psicologia na cidade, oferecido por uma IES privada.

A amostra foi composta por 101 sujeitos do sexo masculino e 170 do sexo feminino, totalizando 271 sujeitos, desproporcional em relação à população, pela recusa natural de muitos dos sujeitos do sexo masculino em participarem da entrevista e mesmo em abandoná-la — pedindo para a esposa substituí-lo — quando informados sobre o conteúdo do questionário.

Tabela 1. Sujeitos X Idade

Idades	<i>f_i</i>	%
16 - 26	43	16
26 - 36	49	18
36 - 46	62	23
46 - 56	54	20
56 - 66	40	15
66 - 76	17	6
76 - 86	6	2
Totais	271	100

Fonte: Dados da pesquisa

Do ponto de vista das idades, a faixa etária mais representada foi a de 36 – 56 anos (43%), seguida pela de 16 – 36 anos (34%).

Tabela 2. Sujeitos X Escolaridade

Níveis de Escolaridade	<i>f_i</i>	%
Analf./Fundamental incompleto	19	7,0
Fundamental Completo/2o. Grau Incompleto	37	13,7
2o. Grau Completo/Médio Incompleto	175	64,6
Médio Completo/Superior Incompleto	20	7,4
Superior Completo	20	7,4
Totais	271	100

Fonte: Dados da pesquisa.

A especificidade da amostra — que previa entrevistas com pessoas de idade igual ou superior a 16 anos de idade — explica o grande número (64,6%) dos sujeitos que possuíam escolaridade de *segundo grau completo e/ou médio incompleto*, o que de resto, tanto para esses níveis de ensino, como para os demais, reflete a forma como estas categorias estão representadas no conjunto da população.

Tabela 3. Sujeitos X Classe Social

Classes	<i>f_i</i>	%
A2	7	3
B1	14	5
B2	36	13
C	187	69
D	24	9
E	3	1
Totais	271	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Dos 271 sujeitos entrevistados, a maioria (69%) pertence à classe C, seguida das classes B2 com 13% e D com 9%.

As classes sociais foram definidas a partir de critérios utilizados pela ABIPEME – Associação Brasileira dos Institutos de Pesquisa de Mercado - (ABIPEME, 1997), através de um instrumento em que, a partir da contagem e análise de itens de consumo e grau de escolaridade do responsável pela família, é possível a caracterização dos sujeitos nas classes A, B, C, D e E.⁴

Tabela 3. Quando procura o Psicólogo.....

Categorias	<i>f_i</i>	%
Religião	61	23
Psicólogo	58	21
Médico	57	21
Ninguém	33	12
Família	27	10
Amigos	18	7
Psiquiatra	6	2
Não sabe	6	2
Cônjuge	2	1
Neurologista	2	1
Outro	1	0,3
Totais	271	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Com relação a “*quem, ou a que tipo de ajuda procuraria em casos de problemas familiares, depressão, conflito*”, entre outros, 23% dos sujeitos responderam religião; 21% médico; 21% psicólogo e 12% que disseram que não procurariam ninguém.

⁴ Periodicamente a pontuação desses itens é revista e adequada ao estágio desenvolvimento econômico do país. A versão atual, adotada pelos institutos de pesquisas que consideram essas variáveis pode ser acessada em <http://www.sbpn.org.br/crit-class.htm>

Não chegou a surpreender os números próximos entre os sujeitos que procurariam apoio *religioso, médico e psicológico*, tanto mais se considerarmos que a única menção nominal, na categoria outros, refere-se a um ex-padre, psicólogo, que ocupa grande espaço na mídia local (rádio e tevê), com programas onde faz aconselhamentos diversos.

Outra relação possível para números e representações tão próximas pode ser depreendida de trechos das falas dos sujeitos, para quem, “*quando Deus não cura, eles (os Psicólogos) estão lá para isso*” e “*o cristão não tem esse tipo de problema, quem não tem o princípio cristão precisa dessas coisas*”.

Sobre “*em quais circunstâncias procurariam um psicólogo*”, 28% dos entrevistados disseram que o fariam em caso de “*problemas familiares, emocionais, financeiros, pessoais, no trabalho, com crianças e conflitos*” seguidos por 24% que procuraria esse profissional em casos de “*depressão*”.

Todas as manifestações incluídas na categoria “*problemas*”, isoladamente ou combinadas, são, potencialmente, causadoras de variados e diferentes níveis de comprometimento afetivo e psicológico, incluída aí a depressão, que ainda parece ser mais associada a outras áreas do conhecimento, provavelmente à Psiquiatria. Tal suspeita parece ser corroborada quando cruzamos as respostas da questão anterior com outra que avalia o grau de conhecimento dos entrevistados sobre o objeto da Psicologia.

Dos sujeitos que responderam que “*não procurariam um psicólogo*”, a maioria (64%), afirmou “*não saber do que trata a Psicologia*”. Já em relação àqueles que “*procurariam um psicólogo*” em caso de *depressão*, 47% não souberam apontar qual o objeto da Psicologia, e 21% concebem-na como estudo da *mente*.

Entre os que procurariam o psicólogo por apresentarem problemas (familiares, emocionais, financeiros, pessoais, no trabalho e com crianças), 33% disseram também não saber do que trata a Psicologia.

Cabe ainda destacar que, do total de entrevistados, 42% não souberam definir o objeto de estudo da Psicologia, fato este que pode ser atribuído à natureza e complexidades próprias da ciência psicológica, dificuldade desta para se firmar como alternativa ao discurso médico, religioso e de auto-ajuda e, em parte, a problemas de compreensão do item proposto no questionário.

Entre as pessoas que arriscaram alguma resposta, muitas o fizeram com insegurança, referindo-se a fatores internos, sob a forma de clichês, o que se pode depreender em expressões como “*vai no fundo da pessoa*”; “*trabalha a cabeça das pessoas*”; “*trata da mente, quando conversa comigo, ele (o psicólogo) já sabe do que estou falando, se estou sendo sincero, malicioso, se quero aquele trabalho*”. Apenas uns poucos usaram respostas conceitualmente corretas, como aqueles que a associaram ao *estudo do comportamento* (16%).

Quando analisados com especial enfoque para as respostas dos sujeitos com menores e maiores níveis de escolaridade (*analfabetos/ensino fundamental incompleto e ensino superior completo*), os dados revelam coisas curiosas. Desinformação e falta de acesso aos serviços prestados pela área pública, entre outros fatores, podem explicar o fato de apenas 26,3% entre os de *menor escolaridade* terem utilizado serviços de Psicologia, contra 35% entre os de maior escolaridade. Ainda que essa procura por profissionais de Psicologia seja crescente, parece-nos relevante e revelador que estejam entre os sujeitos de *maior escolaridade* aqueles que avaliam mais criticamente os resultados dos procedimentos aos quais se submeteram. Em todos os demais níveis de escolaridade a avaliação de “*ótimo/bom*” foi acima de 80%, enquanto que entre os sujeitos de nível de ensino superior completo esta avaliação foi de

71,4%. Este dado ganha especial relevância se considerarmos o fato de que é maior (52,6%) o número de pessoas com esse nível de escolaridade que dizem “*não saber do que trata a Psicologia*”, contra 10% entre os de *menor escolaridade* que revelaram a mesma ignorância.

Curiosamente, entre estes últimos, quando indagados a quem recorreriam quando tivessem *problemas (familiares, emocionais, financeiros, pessoais, no trabalho e com crianças)*, as respostas se distribuíram equitativamente (25%) entre as 4 alternativas categorizadas (*médicos/medicina; religião/Deus; psicólogos/psicologia e familiares/amigos*).

Ceticismo, desinformação sobre os limites da atuação em Psicologia e a possibilidade de acesso a outros profissionais talvez expliquem o fato de, para a mesma indagação, entre os sujeitos de maior escolaridade, a maioria das respostas terem sido para *médicos/medicina* (47,4%); *religião/Deus* (31,6%); *familiares/amigos* (15,8%) e apenas 5,3% para *psicólogos/psicologia*.

Paradoxalmente, do cruzamento entre as questões que indagavam, respectivamente, “*sobre qual imagem vem à cabeça quando se fala em Psicólogo*” e “*o que teria influenciado nesta construção*”, chegou-se a um resultado interessante, no sentido de valorização da profissão e do profissional, como aqueles que podem e precisam ampliar o seu campo de atuação.

Dos entrevistados, 49%, consideram o Psicólogo como um “*orientador*”, categoria que foi constituída a partir do uso reiterado de palavras como: *ajuda, conselheiro, desabafo*, e construções curiosas do tipo: “*Psicólogo entende o ser humano, tenta ajudar*”; “*ele vê o problema de outra forma e tenta ajudar a resolver*”; “*é igual a padre, guarda para si mesmo*”; “*anjo da guarda*” e “*minha vizinha é minha psicóloga*”.

Entre os que têm a imagem do Psicólogo como “*orientador*”, 28% atribuíram esta concepção ao “*senso comum*”, 19% ao fato de eles mesmos, ou alguém da família (17%) “*terem feito terapia*”.

Já 11% do total de sujeitos não souberam responder — fato que pode decorrer da falta de informação no que se refere à profissão — e apenas uma minoria (8%) fez avaliação negativa em relação ao profissional, descrito de forma estereotipada (*louco, despojado*), e à profissão, de forma equivocada, através de expressões como “*atrapalha mais, deixa mais louca*”; “*psicólogo só vive na lua*”; “*essa profissão não dá futuro*”; “*psicologia deveria fazer parte da medicina*”; “*psicólogo tá mais doente que a gente*”; “*em vez de ajudar dali pra frente, procura lá no passado... o negócio é o momento*”.

A fim de verificar se a existência do curso de Psicologia da Unesp-Assis é determinante para a concepção dos sujeitos acerca do profissional e do objeto da Psicologia, questionou-se há quanto tempo os entrevistados moravam em Assis e qual a importância do curso de graduação. Os entrevistados associaram a importância do curso de Psicologia ao “*atendimento à comunidade*” (38%) e ao “*progresso da cidade*” (37%). Porém, verificou-se que o tempo que residem em Assis é irrelevante para a formação de suas concepções a respeito do profissional e da ciência, já que o curso de Psicologia foi citado por apenas dois sujeitos como um fator que contribui para a formação de suas concepções, e muitos dos entrevistados até desconheciam a existência do curso de Psicologia.

A maioria absoluta dos entrevistados (86%) não conhece os serviços prestados pelo Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada – CPPA. Em contrapartida, dos 23 sujeitos que se valeram de seus serviços, 14 classificaram-no como bom. Novamente o tempo de residência em Assis não foi significativo para o fato de conhecer ou não o CPPA. Afinal, mesmo os moradores mais antigos o desconhecem, o que revela um déficit na divulgação das atividades do curso, de projetos de extensão e do próprio atendimento do CPPA.

Considerações finais

A exemplo do que aparece na literatura, os resultados da presente pesquisa sugerem que o profissional de Psicologia é percebido de forma diversificada, através de definições que o colocariam numa área de atuação, cuja representação mais próxima seria a de um orientador ou conselheiro.

Os sujeitos mostraram-se pouco esclarecidos com relação ao profissional e ao objeto de estudo da Psicologia, bem como sobre os serviços prestados pelo curso de Psicologia da Unesp, o que pode ser consequência de problemas de naturezas diferentes.

No primeiro conjunto de explicações possíveis estariam aquelas relacionadas à própria natureza da ciência e à complexidade do seu objeto de estudo; de resto, aspectos já bastante explorados por diversos autores.

Interessa-nos, particularmente, compreender de que forma e com que instrumentos a Psicologia pode contar, a seu favor, no sentido de firmar-se, cada vez mais, como uma ciência prática e resolutive, preservadas as suas peculiaridades, de maneira a não ser subestimada — em relação a outras ciências — ou nivelada e confundida com charlatanismos, religiões e práticas de auto-ajuda.

A discrepância entre o grau de conhecimento revelado pelos sujeitos acerca da Psicologia e a atuação dos Psicólogos, e a importância que atribuem à existência do Curso de Psicologia em Assis, sugerem que há um campo fértil para ser cultivado nas relações deste para com a comunidade.

Diante de tal quadro, a divulgação das atividades promovidas pelo curso de Psicologia, a intensificação dos trabalhos de extensão, bem como a ampliação do atendimento pelo Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada “Doutora Betti Katzenstein” - CPPA - poderiam ser alternativas para que houvesse uma redução nessa discrepância entre a amplitude das perspectivas de atuação da Psicologia e dos Psicólogos e a forma como ambos são percebidos pela comunidade local.

Borsezi, C. S., Bortolomasi, E.; Guimarães, J. L.; Liboni, R. G.; Reis, M. F.; & Tamanaha, H. Y. (2006). Social Representation of the Psychologist and Psychology, Under the Look of the Community of Assis – Brazil. *Revista de Psicologia da UNESP*, 5(1), 59-68.

Abstract: *The present article presents the results of a research carried through with the objective to investigate the social representation of Psychology and the Psychologist, according to perception of the population of Assis. In the accomplishment of the research it was considered the existence of the Course of Psychology of Unesp/Assis, as well as the program of psychological attendance to the community, carried through by the Center of Research and Applied Psychology "Doctor Betti Katzenstein", - CPPA that, in thesis, have contributed for the construction of a representation of psychological science and the performance of the Psychologist more close to reality. There had been interviewed, from a questionnaire previously tested, 271 citizens distributed geographically and proportionally in the different quarters that compose the urban zone of the city. The results suggest the lack of knowledge by part of the community with relation to the Psychology object of study and to the forms of professional performance of the Psychologist.*

Keywords: *Social Representation; Psychology; The Role of the Psychologist.*

Referências

- Associação Brasileira dos Institutos de Pesquisa de Mercado (1997). *Proposição para um novo critério de classificação sócio-econômica*. São Paulo: Abipeme. Texto não publicado.
- Bock, A. M. B. (1999). A Psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social. *Estudos de Psicologia*, 4(2), 315-329.
- Dimenstein, M.(2000). A Cultura Profissional do Psicólogo e o Ideário Individualista: implicações para a prática no campo da assistência pública à saúde. *Estudos de Psicologia*, 5(1), 95-121.
- Moura, E. P. G. (1999). A Psicologia (e os Psicólogos) que Temos e a Psicologia que Queremos: Reflexões a Partir das Propostas de Diretrizes Curriculares (MEC/SESU) para os Cursos de Graduação em Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 19(2), 10-19.
- Silva, N. P. (1994). *Entre o Ideal e o Real: um estudo sobre as razões que levam alunos de uma universidade pública à intenção de abandonar o curso de Psicologia*. Dissertação de mestrado não publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Yamamoto, O. H., Trindade, L. C. B. O., & Oliveira, I. F. O. (2002). O Psicólogo em hospitais do Rio Grande do Norte. *Psicologia USP*, 13(1),217-246.
- Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística. (2004, 05 de Setembro). Perfil do Psicólogo, Pesquisa realizada pelo Ibope - encomendada pelo Conselho Federal de Psicologia. *Folha de São Paulo*, p. C1.
- Engelmann, A. (1997). Dois tipos de consciência: a busca da autenticidade. *Psicologia USP*, 8(2),25-67.
- Titchener, E.B. (1913). *A primer of psychology*. New York, Macmillan.